

Baudrillard, a Europa e a sedução americana

Glória Kreinz *

BAUDRILLARD SACODE LONDRES COM "AMÉRICA" — Esta foi a manchete da primeira página do caderno cultural do jornal *Folha de S. Paulo*, de 12 de janeiro de 1989. Ora, o livro *América* foi publicado em Paris, em 1986, pelas Éditions Grasset & Frisque. No mesmo ano o livro saiu também no Brasil, mas continua polemizando a pesquisa e as modernas teorias da comunicação. Para o público interessado é um acontecimento marcante; retrata o intelectual francês que escreveu *A sombra das maiorias silenciosas*, onde a comunicação de massas é considerada implosiva, verificando com conceitos europeus a cultura e os meios de comunicação americanos.

Jean Baudrillard constata que a "América inteira é para nós (europeus) um sacrifício. Aí a cultura é selvagem: realiza-se aí o sacrifício do intelecto e de toda a estética, por transcrição literal do real"¹. O real americano, como conceito, difere do europeu, pois este baseia-se em uma impossibilidade. Ou, como diz Jacques Lacan, de quem J. Baudrillard é discípulo, "o real não existe", a única realidade é a do inconsciente.

Na América "o real não se liga ao impossível como na Europa", afirma o intelectual Jean Baudrillard. A realidade americana é a da ação, do ato acontecendo. "Neste sentido é primitiva, desconhece a ironia do conceito, desconhece a ironia da sedução, não ironiza sobre o futuro ou destino, simplesmente age, opera e materializa"². Materializar é real assim como a "única opinião pública real é a criada pela cirurgia estética das pesquisas de opinião"³.

O sistema de idéias utilizado por Baudrillard para comparar a realidade européia e americana deixa transparecer o sistema lacania-

* Mestre em literatura brasileira pela Universidade de São Paulo (USP). Está em fase final de conclusão do seu doutorado em jornalismo na ECA-USP, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Lins da Silva.

no de pensamento que indaga sobre o conceito do real como base das pesquisas modernas de comunicação.

O autor francês, indagando em que termos a cultura (real) americana se atualiza, conclui que é pela libertação do objeto diante do conceito: "A introversão, a reflexão, os efeitos do sentido à sombra do conceito, tudo isso nos é familiar. Mas o objeto libertado do conceito, livre para se desenvolver na extroversão e na equivalência de todos os seus efeitos, isso é enigmático.

"A extroversão é para nós um mistério exatamente como era para Marx a mercadoria: hieróglifo do mundo moderno, justamente porque extrovertida, forma-se realizando-se em sua operação pura e na circulação pura (olá, Karl!)"⁴.

A Europa não possui a extroversão, nem o gênio, que é peculiaridade americana, pois a Europa não possui sequer o "gênio maligno da modernidade, aquele que impulsiona a inovação até a extravagância e reencontra assim uma espécie de LIBERDADE fantástica"⁵. Essa liberdade se concretiza de muitas maneiras. A sexualidade, núcleo de vários estudos sobre os meios de comunicação de massa, é um dos centros de interesse de Baudrillard.

Como nos Estados Unidos não se questiona desejos recalcados, a sexualidade entrando nos costumes americanos, significa que "tampouco possui mais valor transcendente, nem como interdito, nem como princípio de análise, de satisfação ou de transgressão. Ela está ecologizada, psicologizada, secularizada para uso doméstico. Entrou no modo de vida"⁶.

Não se ampara no desejo do Outro, como é constantemente exemplificada pelo cinema europeu, mas no ato consciente "simbólico" de satisfação biológica, higiênica e socialmente integradora. É performance bem-sucedida, que se estende por toda uma geração "que não funciona na base da ambição, nem na energia do recalcado, mas está perfeitamente recentrada no ideal do limpo e do perfeito"⁷.

Isto explica porque um filme como *Atração Fatal*, de Adrian Lyne, que fala dos desvios do desejo recalcado, está entre os mais vistos nos Estados Unidos em 1987; opta, no final, pelo ideal do sexo limpo e perfeito.

O que é desejo do Outro, fonte contínua de insatisfação e de busca renovada, esgota-se na performance biológica da sociedade americana diante do sexo. Nada de angústia, nada de perguntas não respondidas, nada de tensões. A simulação é consentida, o simulacro se instaura como forma de vidas. O desejo, intervalo entre a "necessidade e o amor", é ignorado. Tudo que ocasione insegurança existencial é retirado de circulação, só interessam fatos consumados.

Baudrillard não tem uma posição de juiz diante da realidade americana. Apenas comenta: "Em última instância não haveria mais o masculino e o feminino mas uma disseminação de sexos individuais que só se referiam a si mesmos, gerando-se cada um como empresa autônoma. Fim da sedução, fim da diferença e deslizamento em direção a um outro sistema de valores"⁸.

Constata-se que a diferenciação entre masculino e feminino liga-se ao sistema de sedução, no que Baudrillard é diferente de Lacan, para o qual o elemento feminino é vítima de uma constante alienação. Não se entrega ao jogo da sedução, mas ao drama da concessão. Segundo Lacan não há limites nas concessões "que cada mulher faz para um determinado homem: seu corpo, sua alma, seus bens. No amor não é o sentido que conta para a mulher, mas o signo. E isto é dramático"⁹. A mulher é fadada à dramatização, mesmo quando sua medida é o discurso do Outro, ou a colocação do objeto no lugar do sujeito.

Em Baudrillard, o desaparecimento do jogo da sedução entre masculino e o feminino levaria a novos modelos. No entanto ele mesmo pergunta: "Mas quais podem ser hoje esses novos modelos (pois todos os outros desapareceram nesse meio tempo)? O que se pode entrever é um tipo ideal de desempenho, de realização genética de sua própria fórmula, nos negócios, nos afetos, nas empresas ou nos prazeres, cada um tentará desenvolver seu programa otimal. Cada um com seu código, cada um com sua fórmula. Mas também cada um com seu *look*, cada um com sua imagem. Então algo como um *look* genético?"¹⁰.

Neste raciocínio Baudrillard propõe que da mesma forma como a sexualidade reduz-se à performance, a cultura reduz-se à incultura na América. Afirma que "AQUI SE REALIZOU A UTOPIA E A ANTIUTOPIA: a da contra-razão, da desterritorialização, da indeterminação do sujeito e da linguagem, da neutralização de todos os valores, da morte da cultura. A América realiza tudo e procede para isso de modo empírico e selvagem. O REAL E O IMAGINÁRIO ENCONTRAM O FIM ABRINDO TODOS OS ESPAÇOS À SIMULAÇÃO"¹¹.

Isto significa que a cultura americana se estrutura como uma frase organizada, ou simbólica. Só conta a experiência decantada. Tudo deve ser divulgado, tornado público: o que se vale, o que se ganha, como se vive. As estatísticas são a prova de que a sociedade existe e funciona. Nada importa fora do fato comprovado. E o fato comprovado é o significativo sem a energia do recalcado, por isso simulacro.

Baudrillard pensa que "talvez seja preferível falar de uma cultura antropológica, a qual consiste na invenção dos costumes e do modo de vida. Somente esta é interessante, como as ruas de Nova York, e não os museus. Mesmo na dança, no cinema, no romance, na ficção, na arquitetura, o que é especificamente americano tem algo de selvagem, algo que não conheceu o polimento e o fraseado, a retórica teatral das culturas burguesas, que não foi maquiada com as cores da distinção cultural"¹². Algo que não se vincula às noções de imagem, rede, ilusão, espelho, Outro, próprias do imaginário, mas que se resumem no sinal da performance sem rosto, o de uma evidência sem fim. Aí então a fase vídeo (televisiva) substitui a fase do espelho (integração do eu).

Na atualidade dos sinais o vídeo teria uma função inovadora. Enquanto o espelho é objeto onde o ser humano reflete, joga com a dramaturgia de seu corpo, encontra a sua "identidade"¹³, a tela do vídeo, por toda a parte, "só serve para isso: refração estática que nada tem da imagem, da cena ou da teatralidade tradicional, que não serve para representar-se ou contemplar-se, mas para ser ligados a si mesmos"¹⁴.

Símbolo de uma refração instantânea e sem profundidade, "não é um imaginário narcísico que se desenvolve em torno do vídeo e da estereó cultura, é um efeito de autoreferência perdida. É um curto-circuito que liga imediatamente o mesmo ao mesmo e, portanto, sublinha ao mesmo tempo sua intensidade na superfície e sua insignificância em profundidade"¹⁵.

A atração do intelectual pela cultura que encontra no vídeo a auto-referência perdida centraliza-se na imagem do simulacro: "Tudo aqui é real, pragmático, e tudo nos deixa sonhadores. É possível que a verdade da América só possa aparecer a um europeu, pois que só este encontra aqui o simulacro perfeito, o da imanência e da transcrição material de todos os valores"¹⁶.

NOTAS

1. J. B. Baudrillard, *América*, Rio de Janeiro, Rocco, 1986.
2. *Ibidem*, p. 84.
3. *Ibidem*, p. 29.
4. *Ibidem*, p. 85.
5. *Ibidem*, p. 66.
6. *Ibidem*, p. 85.
7. *Ibidem*, p. 83.
8. *Ibidem*, p. 42.
9. Jacques Lacan, *Télévision*, Paris, Éditions du Seuil, 1974, p. 64.
10. J. B. Baudrillard, *ob. cit.*, p. 20.
11. *Ibidem*, p. 84.
12. *Ibidem*, p. 86.
13. Lucien Seve, e outros, *Para uma crítica marxista da teoria psicanalítica*, Lisboa, Editorial Estampa, 1975, p. 122.
14. J. B. Baudrillard, *ob. cit.*, p. 33.
15. *Ibidem*, p. 25.
16. *Ibidem*, p. 26.